JORNAL DO BRASIL 20 JAN 1995

Incidentes de fim de esbórnia

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

O episódio é freqüente nas crônicas policiais, nos anais da psicologia, largamente explorado na literatura: o clima de fim de orgia — quando o excesso das libações sobe à cabeça, acelera a excitação da malta que vai se soltando, liberando perversões reprimidas, rompendo as frágeis amarras das convenções da civilizada convivência humana — degenera em baderna, quando tudo acontece.

A súcia perde-se em crescente permissividade. Os últimos resquícios de dignidade e compostura dissolvem-se na ânsia de descer ao fundo da miséria da alma, no mergulho cego no lodo da infâmia. Às vezes a brincadeira começa com as velhas troças conhecidas. Trocando as pernas, falando alto, rindo à toa, bisando chalaças sabidas, o bando espanta a relativa quietude das cidades, achando uma imensa graça na própria falta de educação. Troca as tampas das latas de lixo, furta as garrafas de leite e o embrulho de pão nas portas das casas que sobrevivem entre os edifícios, chuta o cão que dormita no seu canto. A toada da vadiagem é hipnótica e irresistível. Daí para a briga, a desordem, o roubo, o crime é um passo.

Isso, bem entendido, quando se trata de alaúza de amadores, de iniciantes no ilícito, de aprendizes de bandidos. No caso mais comum da festança de quadrilha que desanda em rixas entre parceiros, o descompasso é premeditado, faz parte da rotina do negócio.

Parece, bem comparando, com a bacanal suicida de desatinos em que se transformou o final da sessão legislativa. Nunca se viu nada igual. Ao menos na sucessão de salafrarices, cometidas com um cinismo sem jaça.

Fim de festa. Congresso com três semanas de mandato. Na verdade, com mandato apenas formalmente legítimo. Pois, do ponto de vista ético, com um mínimo de decência e noção de honra, Câmara e Senado, com mais da metade de mandatos renovados, deveriam limitar-se a votar a pauta da rotina ou matérias de inadiável e notório interesse nacional. E nunca exatamente o oposto. O plenário de derrotados, suplentes, repetentes viciados na fruição despudorada de privilégios e mordomias, dançou ao compasso dos seus apetites, da gula por vantagens a qualquer preço, no embalo da demagogia ostensiva. E tudo isso de cara limpa, sem um rubor de vergonha. Cada insensatez instigava a proeza seguinte, perpetrada com dose dupla de desfaçatez.

A trama do assalto ao cofre da viúva, na armação do aumento aloucado dos salários, é um primor de criatividade e sem-vergonhice. De fazer inveja ao Comando Vermelho. Pois o bando entendeu de fazer um ganho de R$ 10 mil por mês, durante todo o ano. Não se trata da remuneração do trabalho, mas da gorjeta do ócio. Só que concedida em causa própria, ali na dureza, com a arma engatilhada no gogó da vítima. Que somos todos nós. Diante da reação da opinião pública, a turma simulou conformar-se com a poda nas suas exigências, admitindo o aumento para míseros R$ 8 mil. E mais, claro, o chorrilho das incontáveis vantagens: a fatia escondida do salário indireto, que rende o dobro quando bem administrada.

Sem que se conheça o autor da fórmula, que parece ter brotado espontânea, como criação coletiva, a Câmara inventou o décimo terceiro, o décimo quarto e o décimo quinto salários. Feitas as contas, fecha nos exatos R$ 10 mil por mês. Armada a tramóia, a aprovação deslizou rápida como disparada de assaltante depois de lance bem sucedido.

O resto não tem a mínima importância. A aprovação da anistia ao senador Humberto Lucena e aos demais processados pelo uso indevido da gráfica do Senado, para a impressão gratuita de propaganda eleitoral, até que é conseqüente. Pois o Congresso não tem autoridade moral para punir ninguém depois de locupletar-se com um truque de jogador de filme de faroeste, escondendo o ás na manga.

A aprovação do aumento do salário mínimo para R$ 100 rebaixa-se a lance de dose dupla de impudência. Barretada com chapéu surrupiado. O Congresso sabe que o presidente Fernando Henrique terá que vetar a esmola. E não se pede desculpas ao eleitor com a mixaria de mais R$ 30. Não é por aí.

O mais desmoralizado Congresso desde 1946 deixa o picadeiro sob vaias da indignação popular. Além de mafioso, golpista. Já vai tarde e rico de dinheiro sujo.

* Repórter político do **JORNAL DO BRASIL**.